

Adriana Ciama & Andreea Teletin (eds)

Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa

40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia:
perspetivas e desafios



EDITURA UNIVERSITĂȚII DIN BUCUREȘTI
BUCHAREST UNIVERSITY PRESS

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Volume publicado com o apoio do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

EDITURA UNIVERSITĂȚII DIN BUCUREȘTI
BUCHAREST UNIVERSITY PRESS

<https://editura-unibuc.ro/>

B-dul Mihail Kogălniceanu 36-46, Cămin A (curtea Facultății de Drept),
Corp A, Intrarea A, etaj 2, Sector 5, București, România; tel.: + (4) 0726 390 815
E-mail: editura.unibuc@gmail.com

Librărie online: <https://editura-unibuc.ro/magazin/>
Centru de vânzare: Bd. Regina Elisabeta, nr. 4-12, București,
tel. + (4) 021 305 37 03

Imagine copertă: iStock/Daria Superman/ID: 1068706016
Toată răspunderea de copyright foto revine editorilor

Coperta și DTP: Meri Pogonariu

Descrierea CIP a Bibliotecii Naționale a României
Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa :
40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia : perspetivas e
desafios / ed.: Adriana Ciama, Andreea Teletin. - București :
Editura Universității din București, 2021
Conține bibliografie
ISBN 978-606-16-1264-2

I. Ciama, Adriana (ed.)
II. Teletin, Andreea (ed.)

008

Oralidade e emoção: a importância dos elementos emotivos nas línguas naturais.

José Teixeira (U. Minho, jsteixeira@elach.uminho.pt)

Resumo

As interjeições sempre foram o parente pobre das tradicionais partes do discurso. Mais do que partes do discurso têm sido relegadas para párias do discurso, costumando ser vistas como ficando na fronteira entre o que é linguístico e o que não é.

Partindo de um quadro de análise fundamentado na Linguística Cognitiva, sobretudo na relação entre categorização e organização prototípica, procurar-se-á demonstrar que a categoria das interjeições terá que ser vista como uma categoria só definível através de uma estruturação prototípica e não através de CNS comuns a todos os seus membros. Assim, revisitando as classificações gramaticais e lexicográficas tradicionalmente feitas, procurar-se-á compreender como determinadas onomatopéias e interjeições se podem englobar num quadro categorial comum que inclui as componentes de reforço expressivo.

Palavras-chave: interjeições, língua oral, linguística cognitiva, partes do discurso

1. O mito da língua objetiva e da gramática racional

O berço em que a Linguística vai nascer nas primeiras décadas do século XX é, na tradição europeia, herdeiro de uma visão racionalizadora sobre as línguas de que a influente Gramática de Port-Royal (*Grammaire Générale et Raisonnée*) é bem o símbolo. É na almofada da racionalidade (*Raisonnée*) que as gramáticas posteriores irão assentar as análises sobre o fenómeno linguístico até ao comparativismo do século XIX do qual Saussure emerge. E se o estruturalismo europeu se autodefiniu como procurando construir uma Linguística que imitasse as ciências naturais na formalização e busca da objetividade, os estudos do outro lado do Atlântico não se ficaram atrás, levando à visão da língua como um algoritmo de regras formalizáveis nos moldes objetivos considerados ideais para a construção de uma ciência que pusesse de lado a acientífica subjetividade humana.

Dentro deste paradigma, *científico* implica *objetivo e racional* por oposição a *subjetivo e emotivo*.

Mas não se pode negar (e nunca o foi) que a língua é dos seres humanos, dotados de subjetividade e emotividade que a mesma língua, necessariamente, tem de espelhar. O dilema foi sendo resolvido ao separar estas componentes numa tradição cartesiana de razão-emoção, sendo a essência das línguas vista como racional e as particularidades "emotivas" tidas como acessórias e secundárias.

O sucesso e a popularidade das "funções da linguagem" de Jakobson resulta também desta visão de que a função primordial da linguagem é a transmissão de *informação* sobre o mundo real e deve fazê-lo o mais verdadeiramente possível, objetivo traduzido nas

expressões "função referencial", "função informativa" ou "função denotativa". *Referir, informar e denotar* a realidade do mundo é, nesta visão, a primeira finalidade das línguas naturais. A *emoção* fica reservada ou para as "anormalidades" da língua, como a função poética (tendencialmente e coerentemente, nesta visão, definida como *fuga à norma*) ou para as funções fática e expressiva, vistas como secundárias relativamente à base, a informação ou comunicação de conteúdos.

Só quando, com o focar dos atos de fala concretos e das dimensões pragmáticas da linguagem, foi posta no centro da investigação a língua em uso, por oposição à língua-sistema (ou língua-competência), é que as dimensões não apenas informativas mas intencionais e emotivas começaram a ganhar visibilidade como dimensões linguísticas, não meramente acessórias, mas constituindo a base do fenómeno das línguas naturais.

2. Interjeições: de partes do discurso a párias do discurso

A tradição de análise gramatical sobre as partes do discurso acaba por refletir a preponderância dada à referida parte informativa da língua em detrimento da componente emotiva e expressiva. E as unidades a que se atribui o papel de prioritariamente espelharem os estados emotivos dos interlocutores são classificadas como unidades de permeio, unidades que se *inserem entre* (*inter+jectio, onis*) as outras, mais importantes.

Da conjugação dos fatores referidos (sobreevalorização da dimensão informacional da língua em detrimento da expressiva e ausência de critérios formais para a sua delimitação) resulta que as interjeições sempre foram o parente pobre das tradicionais partes do discurso. E por isso têm sido vistas como ficando na fronteira entre o que é linguístico e o que não é. Como já em 1862 dizia Max Müller, "Language begins where interjections end" (Müller 1862:366). Assim, conforme a maior ou menor benevolência do gramático ou linguista, as interjeições são inseridas ou expulsas das chamadas *pars orationis*, categorias ou partes do discurso.

Na análise léxico-gramatical portuguesa é bem visível esta ambivalência. Numa das referências tidas como basilares para retratar a análise gramatical de Portugal e Brasil, a Gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra, aparece explicitamente:

Não incluímos a interjeição entre as classes de palavras pela razão aduzida à página 78. Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais. (Cunha e Cintra 1984:588)

Mas quando se vai à página 78 para ver a justificação da exclusão, encontra-se apenas a informação de que "A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações [das classes de palavras, divididas entre "variáveis" e "invariáveis"]" (Cunha e Cintra 1984:78). Não há, portanto, qualquer explicação, a não ser a inferida de que é um vocábulo-frase, ou seja, corresponde a uma frase e por isso não é verdadeiramente uma palavra.

Porém, a TLEBES-Dicionário Terminológico (*Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, revista, 2008) que é no fundo a "terminologia legal" usada no ensino da gramática no sistema de ensino oficial, embora copiando a definição e exemplificação que aparece em Cunha e Cintra e referindo-a como a "tradição gramatical luso-brasileira" já considera as interjeições como uma das classes de palavras invariáveis ("Palavra invariável que pertence a uma classe aberta").

3. Da gritaria à emotividade

Todo o processo tem levado a que haja quase tantas definições de interjeições como quantos estudos sobre as mesmas há.

Segundo algumas visões, a questão das interjeições é uma questão de gritaria: prende-se prioritariamente com os gritos mais ou menos instintivos:

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções. A mesma reacção emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjetiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação. (Cunha e Cintra, 1984:587)

Numa outra perspetiva (mas que decorre desta) acentua-se sobretudo o carácter emotivo das interjeições, sendo este o principal vetor de união e de classificação das mesmas:

Interjeição: Palavra invariável que pertence a uma classe aberta. Uma interjeição não estabelece relações sintácticas com outras palavras e tem uma função exclusivamente emotiva. O valor de cada interjeição depende do contexto de enunciação e corresponde a uma atitude do falante ou enunciador. (Vários, 2008 - TLEBES, Dicionário Terminológico)

Para Mattoso Camara é a emotividade que unifica estas "palavras especiais" e formalmente distingue três tipos em função da respetiva representação ortográfica:

INTERJEIÇÃO — Palavra que traduz, de um modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-frase, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada. As interjeições são palavras especiais e se distinguem das EXCLAMAÇÕES, vocábulos soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas *que, como, quanto, quão*, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorrema (v.). Exs.: *Admirável!* — *Que quadro de amarguras!* As interjeições são de três tipos: a) certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah!* — *oh!* (onde a letra *h* em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesse caso); b) verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: *arre!* — *olá!*; c) uma locução interjetiva; ex.: *ora bolas!* — *valha-me Deus!* (Camara : 1997, Dicionário de Lingüística e Gramática)

Normalmente ligada à referência da emotividade das interjeições, aparece, mais ou menos explícita, a visão de que não possuem "função gramatical" para além da expressão da referida emotividade:

INTERJEIÇÃO s. f. Palavra que exterioriza a afetividade. Sem função gramatical, é a síntese de uma frase apelativa ou exclamativa. A primeira almeja levar à ação a pessoa com quem se fala: *psiu! alô!*; a segunda externa o estado de alma de quem fala, exprimindo alegria, tristeza, horror, etc: *oh! cruzes!* Palavras ou expressões há que aos poucos foram-se pejando de conteúdo afetivo, incluindo-se no rol das interjeições. V. *rese*. (Jota, 1981, Dicionário de Lingüística)

No entanto, facilmente se constata que estas dimensões supostamente transversais às interjeições (serem gritos, serem exclusivamente emotivas e não terem qualquer função gramatical) são desmentidas pelos próprios exemplos que surgem a ilustrá-las.

Cunha e Cintra (1984:587) que começa por referir a interjeição como "uma espécie de grito" apresenta depois exemplos de interjeições como *avante!*, *coragem!*, *vamos!*, *alto!*, *basta!*, *alto lá!*, que são palavras perfeitamente integradas no léxico e na estrutura da língua, bastante diferentes de outros exemplos indicados, como *ah!*, *chi!*, *ih!*, *uê!*, onde se podem realmente ver os casos que ele entenderá corresponderem mais à referida "espécie de gritos". O *Dicionário Terminológico* (Vários, 2008), que defende limpidamente que a interjeição "tem uma função exclusivamente emotiva", exemplifica interjeições "*de invocação: ó!, pst!*". Dizer que os vocativos têm uma "função exclusivamente emotiva" parece não ser muito acertado. Além disso, não pode considerar como interjeições as clássicas *Trás!*, *Pumba!* e muitas outras do género. E a perspectiva de se afirmar que as interjeições são palavras "sem função gramatical" (Jota 1981) é ilustrada com *psiu!*, *alô!* que, segundo a mesma perspectiva, "almeja levar à ação a pessoa com quem se fala". Mas então, faz o mesmo que todos os chamados atos imperativos ou função imperativa/conativa da linguagem. Todas estas estruturas linguísticas são também estruturas "sem função gramatical"?

4. A impossibilidade de uma definição de tipo CNS

Tal como toda a ciência tradicional, a análise gramatical procurou que as categorias que delimitava pudessem ser definidas por um conjunto de características consideradas necessárias e suficientes (CNS) para a definição. E se nas outras categorias ou partes do discurso tradicionais o processo funciona mais ou menos estavelmente, nas interjeições acontecem grandes problemas com a delimitação da categoria. E foi esta dificuldade uma das razões que, juntando-se à subvalorização da dimensão expressiva/emotiva da linguagem, fez com que as interjeições constituíssem a categoria mais negligenciada pela análise gramatical e linguística.¹

É que não é por acaso que, desde as mais simples às mais elaboradas, nas tentativas de definição das interjeições se evoca a emotividade. O facto de nem todas as interjeições assentarem nela ou a transportarem com o mesmo grau ou intensidade não implica que esta não seja uma dimensão central da categoria, embora nem todos os membros a partilhem da mesma forma. Isto é, uma definição da categoria terá que ter em conta que a dimensão emotiva é uma dimensão importante e transversal, mas não necessariamente a todas as interjeições. Isto só poderá parecer contraditório a quem pensar que a categoria se pode definir por CNS. Mas não pode. Terá que se definir por uma estrutura em protótipo, como acontece normalmente na categorização humana.

O mesmo acontece com a dimensão acústica das interjeições que leva a que sejam identificadas como "uma espécie de grito" (Cunha e Cintra 1984:587) "entonação peculiar" (Houaiss 2001) "comprennent des cris et onomatopées" (Robert 1989), "locação que se solta instintivamente" (Figueiredo 1996). É evidente que não se podem reduzir as interjeições a gritos e onomatopéias, mas não se pode negar que prototipicamente as interjeições não possuem um sistema fonológico tão sistemático como o do resto da língua, facto que a grafia das mesmas também reflete. Por isso é que, muitas vezes, são inseridas na fronteira entre a palavra e a não-palavra.

¹ Na expressão do título de Ameka (1992): "Interjections: The universal yet neglected part of speech".

Do mesmo modo, será falso dizer que as interjeições não têm qualquer função gramatical ou qualquer relação com os outros elementos do discurso. Mas, obviamente, ter-se-á que reconhecer que, numas mais, noutras menos, as interjeições possuem uma autonomia sintática (quase) completa. Embora semântica e pragmaticamente elas não possam ser consideradas como enxertos inúteis e desconexos no significado do enunciado.

Ou seja, a categoria das interjeições terá que ser vista como uma categoria só definível através de uma estruturação prototípica e não através de CNS comuns a todos os seus membros. E nessa estruturação, há dimensões fundamentais:

1) São prototipicamente transportadores de emotividade, mas nem todas, nem no mesmo grau;

2) São prototipicamente onomatopeizantes, mas nem todas nem no mesmo grau: enquanto umas possuem uma sonoridade fonológica e normativizada (também pela escrita) outras podem conter sonoridades fora da estrutura fonológica da língua;

3) São prototipicamente autónomas discursivamente, mas nem todas nem no mesmo grau.

Por estas razões e porque é difícil ou impossível delimitar por CNS a categoria, é que as definições mais elaboradas são simultaneamente as mais abrangentes, já que não decidem se as interjeições são "palavras" ou "quase-palavras", incluem várias dimensões para além da emotividade e aceitam a variabilidade de autonomia que entre elas se pode detetar:

(Interjections:) little words or 'non-words' which in terms of their distribution can constitute an independent non-elliptical utterance by themselves and do not normally enter into construction with other word classes, but which can be used conventionally as non-elliptical utterances by themselves to express a mental attitude or state (Ameka 1994:1713)

Note-se a referência a que podem ser "palavras ou não-palavras", a que "normalmente" não entram (subentende-se que por vezes podem entrar) em construções com outras palavras e que expressam não apenas emoções mas "atitudes ou estados mentais".

Esta dimensão tão abrangente do domínio das interjeições leva a uma vastidão que pode incluir praticamente tudo, desde o monossílabo onomatopeico até à frase. E leva sobretudo a classificações que misturam critérios formais com critérios semântico-pragmáticos. Gonçalves (2002:359), por exemplo, propõe uma classificação de base tripartida: *gritos articulados* (subdividida em "de sentido imitativo" e "de sentido afetivo"); *conjurações* (tripartida em "injúrias ou insultos", "juras, pragas, imprecações, blasfémias, ..." e "invocações"); *ditados e frases feitas*. Fazendo a síntese da divisão e exemplificação propostas, acabam, as interjeições, por serem subdivididas em 6 planos: 1. gritos articulados de sentido imitativo: *Pum!*, *Zás!*, *Catrapás!*, *Truz-Truz!*; 2. gritos articulados de sentido afetivo: *Ah!*, *Oh!*, *Eia!*; 3. injúrias ou insultos: *imbecil!* *porco!*; 4. juras, pragas, imprecações, blasfémias, ...: *Que diabo!*, *Que raio!*; 5. invocações: *Deus me perdoe!*; 6. ditados e frases feitas: *Olha!* *Toma!* *Puxa!* *Bem!* (Gonçalves 2002:345-360).

5. Onomatopeias e interjeições num quadro comum

Esta abrangência permite, aparentemente, incluir todas as possibilidades da família interjetiva, por mais genéricas que se considerem as relações familiares. Na realidade, desde os monossílabos de valor apenas onomatopeico (*Zás!*) até aos "ditados e frases

feitas", passando pelos exemplos tradicionalmente mais típicos (*Ah!*, *Oh!*, *Eia!*) tudo pode ser incluído.

No entanto, uma classificação minimamente realista deste tipos de unidades não pode misturar critérios formais e semântico-pragmáticos. O invocar Deus ser considerado uma “invocação” (5) e o invocar o diabo ser considerado uma “blasfêmia” (4) e posto num outro grupo, não nos parece assentar em critérios linguísticos fundamentados. Por outro lado, tanto os apelos a Deus ou a invocação do diabo podem coincidir com o grupo dos “gritos articulados de sentido afetivo” (2) (*Ai meu Deus!*; *Ui, que diabo!*) e por isso postos ainda numa outra divisória. Os “ditados e frases feitas” (6) podem ser “juras, pragas, imprecações, blasfêmias” (4) ou então “invocações” (5).

Parece-nos que a primeira distinção a fazer é de ordem formal, já que é facilmente constatável que o grupo das designadas interjeições mistura dois grandes tipos de elementos: os de estrutura onomatopeizante descritiva (cuja finalidade primeira é serem “ilustradores” de sons) e os de estrutura e finalidade exclamativa-emotiva, destinados primeiramente a serem expressores de facetas emotivas do locutor. A boa tradição lexicográfica, embora chamando “interjeições” a tudo, já distinguia o âmbito dos dois grupos:

por convenção lexicográfica, algumas onomatopéias e palavras expressivas são registradas como interjeições, esp. aquelas cujo emprego não é apenas de caráter imitativo, mas evoca vivamente o modo como uma ação ou processo se dá (*zás, tchã, pimba, vapt-vupt*) ou aquelas em que a expressividade é como que atribuída àquilo que produz o som evocado. (Houaiss, 2001)

Se a aceitação e distinção que esta metodologia acarreta traz alguma ordem à família onomatopeica, ela, contudo, não dá conta de um vastíssimo conjunto de unidades que a mesma tradição lexicográfica necessariamente tinha que esquecer: o das unidades que não têm tradição ortográfica no registo escrito da língua.

dentre as interjeições deste tipo, são registradas, neste dicionário, aquelas que, além de ter uso relativamente convencional, recebem representação gráfica padronizada e são compatíveis com as regularidades da língua (p.ex., *psiu* [onomatopéia do som/ps/, us. para chamar alguém ou pedir silêncio]; já, p.ex., *pf* [expressão de desprezo] ou *ts* ou *tsc* [ruído que se faz com a língua no céu da boca, para exprimir contrariedade ou reprovação] não se registraram) (Houaiss, 2001).

Ou seja, é o facto de a tradição ortográfica ter representado ou não a unidade que faz com que a mesma seja aceite ou rejeitada como uma interjeição e não a sua existência real na língua, o seu uso e valor. A escrita é a Taprobana das interjeições: as que não obtiverem uma forma escrita não podem ultrapassar a dificuldade de chegar ao porto do reconhecimento. E as razões para não entrarem podem ser várias, desde a inexistência de letras que representem determinado tipo de sons (não pertencentes por vezes ao sistema fonológico) ou simplesmente o facto de não haver o costume e a tradição de as grafar.

Há duas vertentes essenciais que constituem o cerne da questão da “categoria negligenciada”. Em primeiro lugar a distinção entre as interjeições propriamente ditas e as onomatopéias e em segundo lugar o estatuto de umas e de outras como elementos do processo linguístico.

A primeira das vertentes deverá, a nosso ver, partir da distinção básica entre as unidades que têm como função essencialmente a ilustração onomatopeica de uma parte do discurso (“*e ele, trás!, deu-lhe uma bofetada.*”) e as que procuram exprimir estados ou atitudes mentais (“*Ah! É mesmo verdade?*”). A próprio tradição lexicográfica, embora

chamando "interjeições" às duas realidades, reconhece que se trata de coisas diferentes ("por convenção lexicográfica, algumas onomatopéias e palavras expressivas são registradas como interjeições" - Houaiss, 2001). Como será fácil de reconhecer, há diferenças fundamentais entre as duas:

unidades de função onomatopeica	interjeições propriamente ditas
onomatopeização como fator relevante	onomatopeização pouco relevante
finalidade básica descritiva	finalidade básica expressiva/exclamativa
extravagam frequentemente o quadro fonológico	tendencialmente utilizam o quadro fonológico
não possuem sistematização e uniformização	bastante sistematizadas e uniformes
pouco representadas na escrita	bastante representadas na escrita

O quadro pode dar uma primeira impressão de que a diferença entre os dois tipos de formas é nítida e de que cada grupo é perfeitamente distinto do outro. Ora a distinção nem sempre é completamente unívoca, já que, por vezes, há nuances gradativas entre umas e outras formas.

Assim, quando se diz que a onomatopeização é o primeiro fator relevante da distinção não se pode esquecer que nas interjeições também existe uma dimensão onomatopeica, facilmente visível (ou audível) em exemplos como *Ai!*, *Ah!*, *Oh!* e em todos em que o espanto, a dor, a admiração ou o riso (*Ah!Ah!*) são expressos por sons com óbvias dimensões onomatopeicas. Por outro lado, ao contrapor-se a finalidade descritiva das onomatopeias por oposição à dimensão expressiva das interjeições não implica esquecer que há onomatopeias que também expressam a perspetiva avaliativa do emissor. Repare-se em

- 1) *O que estás a dizer?*
- 2) *O que estás a dizer, blá-blá, blá-blá...?*
- 3) *O que estás a dizer, blá-blá, blá-blá, blá-blá, blá-blá...?*

É notório que 1), sem as onomatopeias, é menos expressivo relativamente ao ponto de vista do LOC do que 2) e 3) já que a introdução de *blá-blá* reforça a inferência de que este não tem grande apreço pela fala do ALOC. Mas mesmo comparando 2) e 3), na última infere-se um maior desprezo do LOC em relação ao discurso do ALOC, já que a repetição mais abundante do *blá-blá* pode ser entendida como "discurso muito repetitivo, inútil, muito maçador pela extensão" ou outras inferências do género. Ou seja, algumas onomatopeias não só expressam algo sobre a posição do LOC, como podem igualmente exprimir a intensidade da valoração.

De modo similar, ao dizer-se que as interjeições *tendencialmente* utilizam o quadro fonológico, quer-se precisamente referir que, também neste aspeto, não há uma diferenciação absoluta entre elas e as expressões onomatopeicas. Como é verificável, há onomatopeias que se servem do quadro fonológico da língua (*blá-blá*, *trás!*, *pumba!*, *pimba!*, *zumba!*) enquanto nem todas as interjeições o fazem:

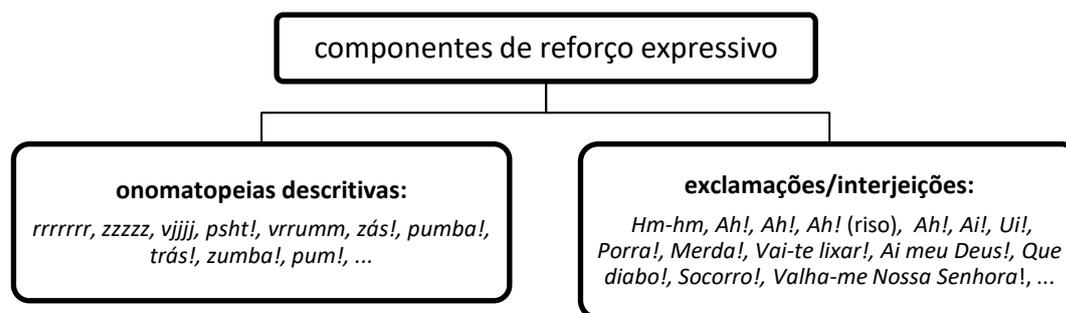
as que praticamente não apresentam carácter vocabular, quer por serem constituídas por sons inarticulados, ou que não fazem parte dos fonemas da língua, quer por serem formadas por sequências de fonemas que não ocorrem em outras palavras: *ó* (vocativo); *oh* (espanto etc.); *ch/x* (som do ch, para pedir silêncio); *hm* ou *hm-hm* ou *ham-ham* ou *hum-hum* (representação do ruído que se faz ao pigarrear para chamar a atenção sobre si, quando não se é notado, ou para sugerir ironicamente que algo que foi dito não é verdadeiro); *ha* (desprezo, riso etc.); *hã* (interrogação, surpresa); deve-se notar que as onomatopeias, embora sejam um recurso expressivo associado à linguagem, diferenciam-se deste tipo de interj., pois não traduzem um estado emocional (Houaiss, 2011).

Daqui decorre, naturalmente, que a sistematização, a uniformidade e a representação na escrita também não é completa neste tipo de interjeições, o que, mais uma vez, faz com que não seja possível uma contraposição absoluta entre estas e as onomatopeias.

Não sendo muito difícil verificar que há diferenças entre as duas realidades, pode perguntar-se se elas podem constituir-se num quadro (ou paradigma, categoria, parte do discurso) englobante. A tradição, como se constata, costuma chamar a tudo *interjeições*, embora a mesma tradição diga que tal quadro é constituído por realidades muito heterogéneas.

Parece-nos, no entanto, que todas as variedades que se possam encontrar possuem a matriz comum de se constituírem naquilo que se pode designar como componentes de reforço expressivo do discurso. Umhas (as onomatopeias) de função prioritariamente descritiva dos eventos; outras (as interjeições propriamente ditas) tendo por finalidade essencialmente apresentar aspetos ligados à expressão do estado emotivo ou mental do LOC e por isso sendo de base exclamativa.

Poder-se-ia, nestes moldes, propor uma classificação bastante simples e que desse conta desta dualidade:



As subdivisões, no interior de cada subgrupo, poderão ser variadas: onomatopeias de movimento rápido (*vjjjjt!*, *zás!*), de contacto violento (*trás!*, *tchan!*), de queda (*tumba!*), de discurso (*blá-blá*), etc... Por outro lado, nas exclamações, as tradicionais de dor, medo, alegria, admiração, ironia, desprezo, e outras que se considerarem pertinentes.

6. Para além da Taprobana

Como atrás já vimos, a tradição lexicográfica apenas regista uma pequena parte das componentes de reforço expressivo (onomatopeias ou interjeições): as que considera terem tradição e possuem estrutura fonológica compatível com o sistema da língua. E

como para a análise linguística só tem existido o que é escrito, a grande maioria das referidas componentes expressivas não sai da oralidade, o que equivale praticamente a dizer que não passam a barreira do reconhecimento como entidades linguísticas.

Todas as análises que pretendem tratar da problemática das interjeições se deparam com a questão das "anomalias fonológicas" que impedem as "formas gráficas estáveis":

A escrita repercute, também, este carácter convencional, emprestando a estes gritos formas gráficas relativamente estáveis. O que acabámos de dizer, porém, não invalida que tenhamos consciência da existência de algumas "anomalias" quer de natureza fonética quer de índole fonológica que a este nível podemos detectar. Apesar de não encontrarmos aí razão suficiente para introduzir uma nova distinção, não podemos deixar de assinalar a individualidade que algumas estruturas fónicas exibem: "Tch!", "Tsk!", por exemplo, realizam-se foneticamente através dum "clique" (consoante injectiva pré-dorso-pré-palatal) que não é propriamente um som muito comum ao sistema fónico do português. Herculano de Carvalho é até de opinião que se trata duma "configuração fónica inteiramente alheia ao sistema do português" (1979, I: 196), ao invés de outros significantes cuja integração fónica é total: "Eia!", "Ai!", "Urra!", "Ôba!".

A distinção que efectuámos entre os dois tipos de gritos, apesar de permanecer inteiramente operatória, não deve contudo ser usada de forma estanque, pois, como vimos a propósito da génese da interjeição, podemos falar duma passagem faseada do grito inarticulado ao grito articulado. (Gonçalves 2002:347).

É assim facilmente compreensível que a análise linguística, que usualmente se serve apenas de *corpora* escritos, só consegue ver o que a escrita lhe permite que veja. E muitíssimos marcadores de expressividade do discurso, como não aparecem escritos, é como se não existissem.

As mais recentes investigações através de *corpora* orais raramente remedeiam a situação. Primeiro, porque estas componentes "universalmente ainda negligenciadas" (para usar a expressão de Felix Ameka) são tidas como constituindo a categoria (no caso de se aceitar que constituem uma) menos nobre das partes do discurso, categoria vista como "apenas" emotiva. E depois porque... frequentemente nem anotadas são! Ainda que essenciais no discurso dos interlocutores, passam despercebidas (ou nem passam) na recolha do pesquisador.

A base de dados oral que constitui o corpus que serve de suporte a este texto² é testemunha da tradicional subvalorização das componentes de reforço expressivo. Foi nestas componentes que houve mais hesitação sobre quais se deveriam transcrever e como se deveriam transcrever. As regras usadas para a transcrição (HIAT) são o espelho da pouca importância que tradicionalmente se lhes atribui. A multiplicidade de decisões sobre a forma de transcrição espelha a falta de hábito e de tradição de considerar estas componentes como elementos importantes do discurso. Aparecem repartidas entre os eventos não linguísticos (o riso, não expresso por formas gráficas), as partículas fáticas

² Projeto de investigação apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia denominado Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense (referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009, desenvolvendo-se de 2011 a 2014). O projeto pretende a obtenção controlada de dados da fala natural que permitam ir além das observações impressionistas sobre a realidade linguística de uma comunidade de fala. Pretende-se uma melhor compreensão dos aspetos ligados às formas e sistematicidade da variação linguística e o modo como ela se concretiza nos processos de mudança.

(Hum, hum-hum) e as tradicionais interjeições desde que com tradição ortográfica. Quando não era conhecida uma forma ortográfica, cada transcritor, de início, ia seguindo a sua metodologia particular: por vezes a transcrição aproximada do som onomatopeico, outras vezes a indicação de "som com a boca", outras a da referência a "clique coronal" ou ainda a indicação genérica de "onomatopeia". Foi depois das primeiras transcrições que, dando-nos conta desta assistemática e da necessidade de uniformizar o processo, se decidiu que tudo o que fosse uma componente de reforço expressivo de valor onomatopeico se deveria assinalar como ((onomatopeia)) de modo a que qualquer investigador pudesse fazer buscas no corpus e depois verificar que tipo de uso ou função teria o elemento onomatopeico encontrado.

Só assim é possível ultrapassar o tradicional boicote que a análise linguística tem feito dos tais elementos sonoramente esquisitos, sem tradição gráfica, que são "apenas" emotivos ou expressivos. Aceitar a evidência, por vezes exige tempo. Aceitar que estes elementos existem na oralidade e registá-los será do mais elementar bom senso metodológico e científico. Sem essa etapa, não haverá uma recolha realista do que é o discurso oral. Talvez seja este o primeiro passo necessário para que estas componentes possam passar além dos limites que a Taprobana da ortografia tem imposto.

7. A emoção e a função fática

Jakobson postulava, como uma das seis funções da linguagem, a função fática. Esta função costuma ser apresentada como a que procura assegurar a manutenção do funcionamento do canal de comunicação entre o emissor e o recetor e por isso exemplificada com "estás a ouvir?", "está lá?" e segmentos do género. Por tal razão é, por vezes, indicada como possuindo pouca importância informativa e discursiva.

Vista desta maneira, até se compreende que seja assim. No entanto, ela terá que ser entendida como muito mais importante, como a dimensão que reflete a empatia entre emissor e recetor e assegura que essa empatia se mantém positiva ou se altera. Como, por norma, na oralidade é bastante importante manter um *feedback* interativo entre os participantes de molde a que cada um esteja consciente das posições do outro, não é de admirar que os elementos que expressam as posições de concordância/ discordância sejam frequentes.

E são. Só que nem sempre através de verbalizações formais do género "estou atento ao que estás a dizer", "percebo/ concordo com o que estás a dizer", mas maioritariamente através de elementos discursivos equivalentes, muito "condensados" fonologicamente, embora bastante fortes emotivamente. E são as interjeições quem cumpre maioritariamente este papel de interação.

7.1. Concordância

Serve de ilustração o *Hum-hum!* do entrevistador. Contado como palavra, chega a ser a palavra mais frequente de algumas entrevistas (por exemplo da 78M3D). Ou seja, uma transcrição que não o considere corre o risco de não reparar na palavra(?) mais frequente que nela existe!

É que, na verdade, este *Hum-hum!*, tal como prototipicamente acontece nas interjeições, não é bem uma palavra. Não é feito com os fonemas do sistema da língua: é realizado como nasal com os lábios fechados. É ignorado pelo registo da escrita tradicional porque também o processo de escrita lida mal com as sobreposições. A escrita

tradicional considera, por norma, apenas uma linha sintagmática e não perspectiva com normalidade a realização de enunciados sobrepostos. Ora este *Hum-hum!* é muitas vezes sobreposto à fala do interlocutor³:

78M3D	106 [04:30.3]	107 [04:31.9]	108 [04:32.3]
Ent2 [v]		Hum hum.	
Fal78 [v]	porque eu tinha faltado oito dias	e eu disse:	- Eu vou faltar oito dias,

Outras vezes, preenche um espaço de hesitação do interlocutor e ganha a função de mostrar interesse pelo discurso do outro, de permitir que complete a estrutura frásica ainda não terminada:

78M3D	..	19 [00:49.2]	20 [00:49.7]
Ent2 [v]		• • Hum hum.	
Fal78 [v]	com os meninos		• • da catequese.

Quer nestes exemplos, quer noutros, este tão abundante elemento, para além de variados (e imprescindíveis) aspetos fáticos, acarreta uma indispensável posição valorativa sobre o discurso do outro. Por isso é que o respetivo uso não é indiferenciado: ele é aceitável numa interação em que o interlocutor quer manifestar estes valores mas não, por exemplo, usada por um entrevistador televisivo a um candidato político quando ele justifica os seus procedimentos. Até porque esta microssequência discursiva normalmente é acompanhada com um acenar vertical da cabeça, o que em português significa concordância.

Um outro elemento que desempenha funções muito semelhantes ao anteriormente referido é o riso. Evidentemente que há variadas espécies e intensidades de riso e claro que se pode discutir até que ponto no riso haverá alguma sistematicidade linguística.

O sorriso (e o riso) não possuem sempre o mesmo valor na inter-relação discursiva, o que demonstra que o sorriso e o riso funcionam como elementos jogáveis e portadores de várias funções:

However, the timing of reciprocation varies. For example, sometimes the recipients of the smile reciprocate the emotion display at a point where the smiling participant has explicated the grounds for the transition. In other cases, the reciprocation takes place before such the explication, soon after the first occurrence of the turn-opening smile. (Kaukomaa, 2013:21)

O riso é um poderoso mecanismo gerador de contextualizações emotivas no discurso. Não apenas na forma de sublinhar um segmento conversacional, mas igualmente como elemento capaz de fazer transições facilitadoras da discursividade:

Sometimes in conversation, a participant begins to smile during a silence that occurs between utterances. [...] these smiles can work as a first step in the construction of an emotional

³ Elementos e significado: 78M3D= código da entrevista: falante 78, Mulher, faixa etária 3 (grupos etários: 1=15-25 anos; 2=26-59 anos; 3=60-75 anos; 4=+75 anos), escolaridade D (escolaridade: A=analfabeto-3ª classe; B=4º ano - 9º ano; C=10º ano - 12º ano; D=licenciado); ..106 [04:30.3] = momento 106 da entrevista que acontece aos 4 minutos 31 segundos e 3 décimos de segundo; Ent2 [v]= faixa das intervenções do entrevistador; Fal78[v]= faixa do falante/entrevistado

transition in conversation. These turn-opening smiles initiate a shift from a neutral or serious emotional stance to a positive or humorous emotional stance. The utterance(s) that follow(s) the smile explicate the grounds for the displayed emotional stance. These utterances also exhibit other (prosodic, lexical or gestural) markers of the emotional stance that the smile initiated. In our data, all the recipients of these stance-introducing smiles reciprocated them. By reciprocating the smile (and other emotional markers), the recipients share the emotional transition that is initiated by the turn-opening smiles. (Kaukomaa, 2013:21)

Não se pense, contudo, que será muito revolucionário admitir que o riso é um elemento linguístico e que pode ser grafado por interjeições. Já em 1536, na sua *Gramática da Linguagem Portuguesa*, Fernão de Oliveira defendia explicitamente "interjeições de riso":

antre nós eu não vejo alghũa vogal aspirada, se não é nestas interjeições uha e aha e nestoutras de riso ha-ha, he, ainda que não me parece ese bo riso português, posto que o assi escreva Gil Vicente nos seus Autos.(Fernão de Oliveira, Fol. 10r in Torres e Assunção, 2000:98).

Sem pretender apresentar aqui a sistematicidade do riso como elemento linguístico, pode, no entanto, referir-se a importância sobretudo do riso-sorriso, correspondente a sorrisos com um ligeiro som. Assemelhando-se muito ao *Hum-hum* (comparem-se as manchas sonoras do riso da Figura 1 com as de *Hum-hum* da Figura 2) manifestam a concordância com o que se ouve e a manutenção da atenção que se está a prestar ao LOC. Além disso, ao manifestarem a exteriorização de alegria/ prazer pelo conversa, evidentemente que reforçam a empatia entre LOC e ALOC.

No nosso corpus, são frequentes e variadas as interações em que se assinalam ((risos)). Muito frequentes, sobretudo na entrevistadora, eles cumprem as funções atrás assinaladas de ligação e manutenção de empatia LOC-ALOC:

69M3A	952 [49:17.2]	..	953 [49:20.2]
Ent 3			((risos))
[v]			
Fal 69	Não sei! • • Juro que não sei quanto	está lá.	
[v]			

Se bem que o riso possa implicar variadas intensidades, verifique-se como ((risos)) que esta situação inclui se assemelha sonoramente a *Hum-hum*:

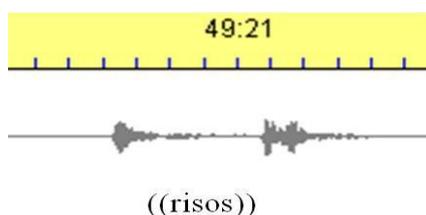


Figura 1⁴

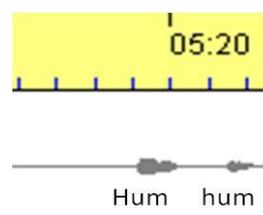


Figura 2

⁴ Os números por cima da mancha sonora representam **minutos:segundos** da entrevista e cada espaço entre tracejado um décimo de segundo. A colocação da grafia é aproximada, não podendo, como se compreende, corresponder absolutamente às frações de segundo que ocupa.

7.2. Lamento

A interjeição que prototipicamente representa o lamento, queixa perante algo que faz sofrer é a clássica *Ai!*:

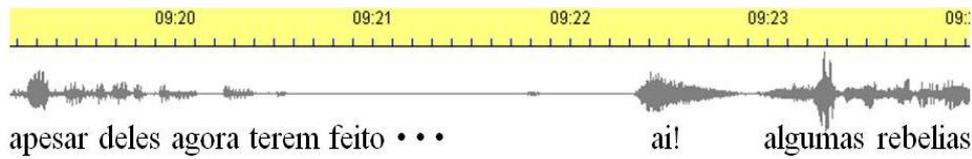


Figura 3 (entrevista 9H1D)

Este "ai!" é um enorme (repare-se na mancha sonora) desabafo, significando "o que tenho sofrido!": a preparação dada pelo espaço de silêncio e a intensidade e duração (mais de meio segundo, o que é muitíssimo tempo para articular uma sílaba!) servem para acentuar o queixume que a interjeição traduz.

Mas nem sempre cada *ai!* têm este valor e este destaque.

Frequentemente aparece, esta interjeição, combinada com vocativos com quem o LOC mantém a interação verbal (*Ai António!*) ou com a invocação de entidades divinas (entrevistado 69M3A):

- 1) *Digo assim: Ai Jesus, que eu tenho ali um*
- 2) *- Ai meu Deus! E ((hesitação)) a meni/ a ((hesitação))*
- 3) *((onomatopeia)) •• Ai Jesus!*

E se nestes usos as vertentes "queixume, lamento" também estão presentes, vendo outros, na mesma entrevista, pode verificar-se uma menor força deste valor em *Ai* (entrevistado 69M3A):

- 4) *Ai, tu tens o teu dinheiro.*
- 5) *Ai, isso isso é para o teu irmão que o teu irmão é que*
- 6) *E eu... Ai, foi para/ quando eu ia para a minha irmã,*
- 7) *Digo assim: - Ai, vem aí o meu homem.*
- 8) *Ai, eu fiquei-lhe com uma gana!*
- 9) *. •• Ai, fiquei-lhe com uns nervos!*

Se em 8) e 9) o *Ai* traduz prioritariamente queixa (é um *Ai* de raiva...) em 4) é de lamento (mas também de chamada de atenção) sobre uma situação, indicando o *Ai* a posição de não concordância: *Ai, tu tens o teu dinheiro.*= *tu tens o teu dinheiro, mas não é agradável para mim dizeres-me isso.* Este valor é típico da construção "*Ai é?!*"= "*Tu pensas isso, mas eu acho que não!*". Em 6) o valor é o de lamento por não se lembrar daquilo que o discurso exigiria, equivalente a "*Ai caramba, não me lembro bem!*". Já em 5) e 7), o valor que o *Ai* traduz é sobretudo o de "chamada de atenção".

Sintetizando, 4)=lamento e queixa; 5)=chamada de atenção; 6)=lamento por contrariedade; 7)=chamada de atenção; 8)=queixa e lamento; 9)=queixa e lamento. Parece, pois, que os valores prioritários desta interjeição se centram nos de lamento e chamada de atenção.

O corpus mostra que também outras verbalizações habitualmente não consideradas interjeições pela ortografia podem ser inseridas nas interjeições de lamento:

78M3D	..	527 [24:52.5]
Fal78 [v]	me de ter visto a coroação da rainha Isabel • • segunda, • • ((onomatopeia)) para aí	528 [24:56.4]
Fal78 [v]	quê, um mês depois de ela ter sido coroada ou dois. • • E esses documentários • •	

Aqui a onomatopeia assinalada corresponde a uma interjeição que poderá ser transcrita por [pbhhhhh] (barulho que começa com os lábios em oclusiva surda e depois abre em sonora prolongada em forma de sopro) e que significa "infelizmente não sei há quanto tempo; mais ou menos...". É um valor de lamento relativamente a si mesmo. Usa-se também em contextos como "[pbhhhh]...olha o chato que aí vem!". Difere de outras interjeições de lamento quando o lamento tem a finalidade de manifestar pena perante o que o interlocutor diz, como em

- *O João teve um acidente.*
- *[tshhhhhhhh] Coitado!*

7.3. Contrariedade

29H3C	..	199 [10:48.4]
Fal29 [v]	tristes era • • passar em frente à arcada, Rua • • ((onomatopeia)) • • ((hesitação))	

A indicação ((onomatopeia)) é aqui [<ts] (forma que não pode ser representada pela grafia e que não é composta por fonemas do português) chamada por vezes de clique coronal ou clique apicoalveolar, pronunciada retroflexamente. O dicionário Houaiss⁵ regista esta interjeição como [ts] ou [tsc] e define-a como "ruído que se faz com a língua no céu da boca, para exprimir contrariedade ou reprovação". Parece não ser tão palatal ("céu da boca") como refere o Houaiss, mas mais alveolar. Porém, grafando-a [ts] pode dar-se a ideia que é constituída por algo semelhante àqueles dois sons, quando na verdade ela é pronunciada retroflexamente, "para dentro". Para assinalar essa característica absolutamente essencial, grafa-se aqui como [<ts] pretendendo o sinal [<] indicar a inversão retroflexa do fluxo de ar na articulação alveolar que é representada pelo *t*.

A indicação do valor "contrariedade" a ela atribuído pode cobrir um espectro variado. Pode ser a indicação de contrariedade e lamento perante algo que se passa consigo mesmo, no discurso: por não se lembrar, por exemplo, do nome da rua, como na passagem anterior. Aliás, frequentemente aparece a preceder expressões "como é que hei de dizer" ou outras do género que representam a contrariedade demonstrada por alguma dificuldade no discurso:

29H3	726 [37:42.1]	..	727 [37:44.4]
Fal 69 [v]	• • E então	((hesitação))...	• • • ((onomatopeia)) Como é que eu hei de dizer?

Ou então, lamento por algo que se admite que não será bom para alguém mas que tinha mesmo que ser, não havia nada a fazer: se os alunos não se comportassem bem, tinham que ir ao diretor receber um castigo:

⁵ Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.

78M3D	..	1463 [68:24.6]
Fal78 [v]	Se eles passassem de determinado limite,	•• ((onomatopeia)) •• senhor diretor.

"Se eles passassem de determinado limite, [<ts]= (lamento mas tinham que fazer algo desagradável) (eu mandava-os: vão ao) senhor diretor."

Pode corresponder também a um lamento por algo triste que aconteceu e que deveria ter sido evitado:

29H3C	485 [26:09.0]	
Fal29 [v]	•• que tipo de guerra é que nós	
	486 [26:11.2]	487 [26:12.2]
Ent2 [v]		Hum hum.
Fal29 [v]	estávamos ali a	fazer ou a defender. •••• ((onomatopeia))

A intensidade do clique pode ter valor de escala de intensidade emotiva-expressiva. A entrevistada quer acentuar que finalmente foi reconhecido que foi uma determinada mulher a espalhar certo boato: o mesmo clique, mas muito audível, muito acentuado, para expressar "finalmente viram que eu tinha razão e que estava a ser vítima: foi pena não ter sido mais cedo".

69M3A	383 [20:22.2]	384 [20:25.8]
Fal 69 [v]	•• depois ele é que •• ele é que disse depois a verdade,	•• ((onomatopeia)) que
	385 [20:28.3]	
Fal 69 [v]	foi ela a primeira a dizer.	•• E depois começou a dizer que eu fui esta e aquela

A técnica para acentuar o valor discursivo e emocional desta interjeição consistiu em dois aspetos (ver Figura 4 que regista graficamente a gravação áudio): destacar a interjeição através de dois espaços de pausa no discurso e pronunciá-la de uma forma muito mais forte (note-se como, embora breve, é mais intensa (alta) que todas as palavras do contexto).

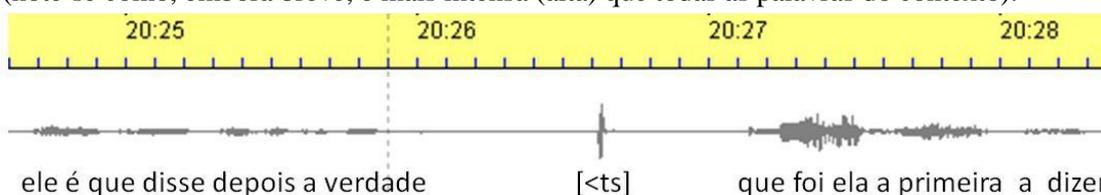


Figura 4

Esta interjeição (vamos considerá-la assim) contribui frequentemente para a economia linguística, na medida em que a sua presença permite inferir o discurso não realizado. No exemplo seguinte, vale por "não podemos fazer nada!". Este valor de contrariedade por reconhecimento de impotência de ação não aparece no discurso explicitamente, deduz-se desta onomatopeia. A mulher informa o marido que há um terreno à venda que seria muito bom comprarem:

69M3A	652 [33:58.4]	653 [34:0]
Fal 69 [v]	era uma quinta muito grande e fomos nós o primeiro. Diz ele assim:	••
		654 [34:06.5]
Fal 69 [v]	((onomatopeia)) - E ó mulher... Digo assim: - Vai ao senhor Moreira.	Que era

O discurso do marido é apenas apresentado como "[<ts] e ó mulher..." e mais nada. A entrevistada acredita que o ouvinte deduz todas as inferências a partir da interjeição e do vocativo: "[<ts] e ó mulher..."= "tenho pena, mas o que é que podemos fazer". A interjeição [<ts] é destacada pelos espaços de silêncio antes e depois e pela forte intensidade sonora, bastante maior que a das outras unidades do contexto (Ver Figura 5, que retrata o registo sonoro).

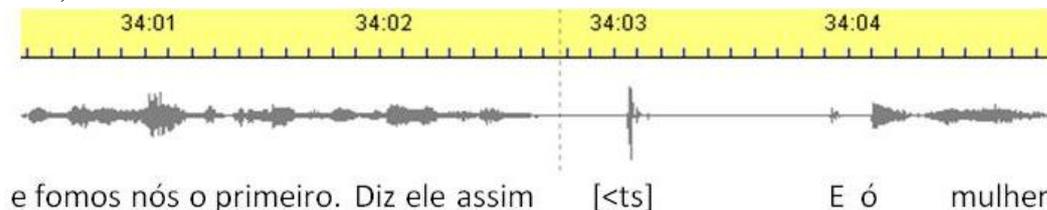


Figura 5

Esta onomatopeia combina-se, por vezes, com outro elemento que reforça o sinal de contrariedade, um sopro prolongado. O sopro implica uma respiração reforçada, mais oxigénio, denota uma situação de mais *stress*:

69M3	958 [49:35.5]	959 [49:38.7]
A		
Fal 69 [v]	foi lá o homem ((hesitação)) eram/ foi... •••((sopro, onomatopeia)) Como é	
	960 [49:43.8]	
Fal 69 [v]	que eu hei de dizer? Foi vinho, foi o leite, foi umas poucas de coisas,	

Repare-se na combinação entre as pausas, o sopro e a interjeição [<ts] para exprimirem a suspensão no discurso e a contrariedade da dificuldade de continuar.

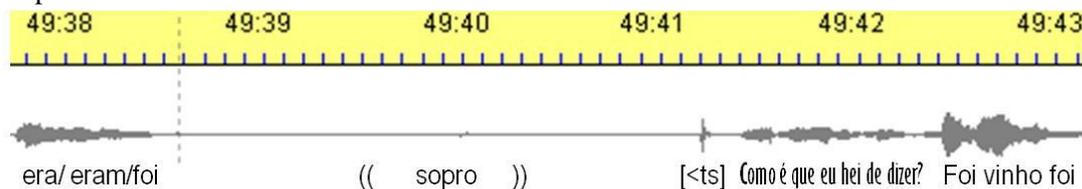


Figura 6

O valor de contrariedade prototípico deste clique interjetivo parece confirmar-se se repararmos que quando queremos contrariar alguém ou duvidar do que está a dizer o usamos repetidamente: <ts-<ts-<ts-<ts (com a língua a recuar e não a avançar como na pronúncia normal do t).

7.4. Admiração

Tentar encontrar e sistematizar as interjeições de todas as emoções que o chapéu da admiração cobre talvez seja tarefa inglória e mesmo impossível.

Antes de tudo, porque este estado emotivo é complexo, variando muito em nuances de intensidade, causas e finalidade. Não é, pois, de espantar que sejam variados os elementos interjetivos que veiculam esta zona emotiva.

Do corpus analisado, apenas alguns para servirem de exemplificação à variedade referida.

78M3D	1393 [65:27.9]	1394 [65:28.8]
Fal78 [v]	dizia assim: - Olha, • • queres ir ao senhor reitor? • • ((onomatopeia)) • • Falava-se	
Fal78 [v]	no senhor reitor que aquilo punham-se todos em sentido.	

Aqui, a indicação ((onomatopeia)) pode ser representada por [pfhe!] bastante rápido (Figura 7).

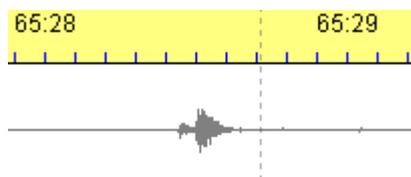


Figura 7

Indicia admiração, espanto, juntamente com implicação de grande alteração num determinado quadro. A vertente de medo que em contextos como este pode parecer acarretar é apenas indexada pelo próprio contexto, já que a mesma interjeição pode ser usada noutros que não impliquem medo, mas apenas admiração por algo muito surpreendente e de que não se estava à espera:

- *O João ganhou o totoloto!*
- *[pfhe!] É mesmo verdade?*

Esta é uma interjeição habitualmente não grafada (tirando contextos onde o pode ser, como a banda desenhada e outros equivalentes). Coisa diferente para o *Ah!*, bem frequente e de forte tradição em variadíssimos registos escritos. O Dicionário Aulete (*online*) retrata bem a variedade de valores que a interjeição pode transportar: "**ah** interj.1. Exprime admiração, alegria, tristeza, decepção, compaixão, espanto, indignação etc.: *Ah, que pena!*". E o Dicionário Aurélio descreve os seus valores quase da mesma forma: "ah interjeição: exprime alegria, dor, admiração, compaixão, impaciência, dúvida, espanto, ironia, tristeza etc."

Emoções e valores e idênticos a estes apontados podem encontrar-se por toda a tradição lexicográfica. Descrições como estas, no entanto, parecem implicar que a interjeição vale para manifestar qualquer emoção (por isso se acrescenta no final da descrição um *etc.*), e mesmo emoções contraditórias (*alegria, tristeza* são assim apresentadas lado a lado para esta mesma interjeição).

Confunde-se, no entanto, o protótipo dos valores emotivos da interjeição (a admiração) com as consequências emotivas que o LOC quer transmitir como resultado do conhecimento do facto que provocou a admiração. Obviamente que o conhecimento de um determinado facto que *causou admiração* pode desencadear emoções de alegria,

O João, afinal, não foi despedido. /-Ah!, que bom!

tristeza, compaixão e outros sentimentos:

O João, afinal, foi despedido. /-Ah!, que pena!

Até que ponto a inferência destes sentimentos desencadeados pelo conhecimento do facto causador da admiração que o *Ah!* expressa também fazem parte do valor da mesma

Por isso, a proposta de serem vistas como elementos não menosprezáveis da componente de reforço expressivo da linguagem.

Entendemos que estes elementos linguísticos têm uma função globalmente diferente de outros elementos que também costumam ser inseridos na mesma classe de "interjeições": as onomatopeias descritivas. No entanto, há facetas comuns entre os dois grupos. Na realidade, também as onomatopeias funcionam frequentemente como elementos destinados a fornecer uma dimensão emotiva ao discurso.

Não havendo aqui e agora espaço para tentar contrapor os dois grupos de forma mais sistematizada e focando-nos nos exemplos que foram apresentados sobre as interjeições propriamente ditas, pensamos ser válido concluir que uma descrição das línguas naturais terá que ter em atenção o papel destes elementos. É que cada vez mais, as ciências cognitivas destacam a importância que as emoções desempenham na interação e comunicação humanas. Ora sendo a língua o instrumento por excelência dessa interação, não se compreende que a sua análise despreze ou ache dispensável esta dimensão.

Max Müller, já atrás citado (Müller, 1862:366), ao afirmar que "Language begins where interjections end" representa a visão tradicional de que as interjeições não fazem parte da língua "a sério", são elementos marginais a que a grafia concede, por vezes e apenas a algumas, o prémio de admitir que existem.

Neste texto procuramos demonstrar que uma verdadeira análise da língua real terá que ter outra perspetiva. Até porque a interjeição acaba por revelar uma concentração de informação, como se fosse informação zipada que depois o decorrer do discurso revela.

A ser assim, a interjeição não pode ser vista como acessória ou marginal. Não é a língua que começa onde as interjeições acabam: as interjeições é que começam o que a (outra parte da) língua acaba.

Já vai sendo tempo, portanto, de transformar o oitocentista "Language begins where interjections end" (Müller, 1862:366) por uma visão mais cognitiva: Interjections begin what language ends.

Referências

- Ameka, Felix (1992) "Interjections: The universal yet neglected part of speech", *Journal of Pragmatics* V. 18 (1992), pp. 101-118.
- Ameka, Felix (1994), "Interjections", in R. E. Asher (Ed.), *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, Oxford, Pergamon Press, vol. 4, pp. 1712-1714.
- Camara Jr, José Mattoso (1997 18ª ed.), *Dicionário de Linguística e Gramática*, Petrópolis
- Carreira, Maria Helena Araújo (Dir.) (2012), *Les rapports entre l'oral e l'écrit dans les langues romanes*, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.
- Cunha, Celso e Cintra, Lindley (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa, Lisboa.
- Figueiredo, Cândido (1996, 25ª ed.) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Bertrand.
- Gonçalves, Miguel (2002), *A Interjeição em Português – Contributo para uma abordagem em Semântica Discursiva*, Fundação Calouste Gulbenkian /Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- Houaiss (2001), *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 2001
- Houaiss (2011), *Dicionário do Português Atual*, Círculo de Leitores.
- Hughes, Geoffrey. (1991). *Swearing: A social history of foul language, oaths, and profanity in English*. Oxford: Blackwell.
- Johnson, Doris J. (1993), "Relationships between oral and written language.", *School Psychology Review*, (1993), Vol. 22 Issue 4, p.595-609
- Jota, Zélio dos Santos (1981), *Dicionário de Linguística*, Presença, Rio de Janeiro

- Kaukomaa, Timo; Peräkylä, Anssi; Ruusuvuori, Johanna (2013), "Turn-opening smiles: Facial expression constructing emotional transition in conversation", *Journal of Pragmatics*, 55 (2013) 21-42.
- Müller, Max (1862). *Lectures on the science of language*. New York: Charles Scribner.
- Norrick, Neal R. (2009), "Interjections as pragmatic markers", *Journal of Pragmatics*, V.41 (2009) 866–891
- Robert, Paul, (1989 2ª ed.), *Le Grand Robert - Dictionnaire de la Langue Française*.
- Vários (2008), TLEBES-Dicionário Terminológico (Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, revista, 2008
- Torres, Amadeu e Assunção, Carlos (2000), *Fernão de Oliveira - Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) – Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa.
- Wierzbicka, Anna, 1992, "The semantics of interjection", *Journal of Pragmatics*, V. 18, 2–3, 1992, 159–192
- Wilkins, David P., 1992, "Interjections as deictics", *Journal of Pragmatics*, V. 18, 2–3, 1992, 119–158